

## Garimpeiros insistem que há 93 desaparecidos

Não surgiram corpos além dos 2 da versão oficial; testemunhas amedrontadas dizem ter visto cadáveres boiando no rio Tocantins após a ação da Polícia Militar

**JOÃO BATISTA NATALI**  
Enviado Especial do Marabá

Uma única bandeira, a Nacional, é hasteada há exatas 12 manhãs na praça de terra vermelha poeirenta, cercada de rústicas construções de madeira, no garimpo de Serra Pelada, em Marabá, a 640 km de Belém, no leste do Pará.

Os garimpeiros deliberaram manter vazios os dois outros mastros, sobretudo o reservado à bandeira paraense, até que se apurem as responsabilidades pelos incidentes que oficialmente vitimaram apenas dois dos manifestantes que ocupavam a 29 de dezembro a ponte rodoviária sobre o rio Tocantins. Incidentes ainda responsáveis por uma lista elaborada pela Polícia Federal, no garimpo, com nomes de 93 desaparecidos.

Esses 93 — 21 a mais que os apontados na última terça-feira, em Brasília, pelo diretor-geral do DPF, delegado Romeu Tuma — constituem uma cifra estagnada em Serra Pelada desde aquela mesma terça. Ou seja, não reapareceu ninguém, realimentando os prognósticos mais pessimistas sobre o número verdadeiro de mortos.

### Cadáveres boiando

Dezoito dos desaparecidos são proprietários de um ou mais dos oito mil barrancos (são oito mil) para a lavra de ouro. Se estivessem vivos, teriam ao menos enviado notícias para não perderem em 48 horas suas respectivas concessões, segundo determina um dispositivo do regulamento interno que está provisoriamente suspenso.

Ao mesmo tempo, depoimentos convergentes, recolhidos pela Folha, dão conta de cadáveres boiando no Tocantins, mas rapidamente recolhidos pela Polícia Militar do Pará, a mesma corporação que, com 350 de seus homens, desalojou com disparos de arma de fogo da ponte rodoviária os três mil garimpeiros e seus familiares, que a ocuparam por 36 horas.

### "Tiro acidental"

Os garimpeiros reivindicam maior segurança de trabalho, através do rebaixamento, em 250 mil metros cúbicos, das bordas da imensa cratera que abriram, a partir de 1980, num canto da Amazônia.

O subcomandante do 4º Batalhão de Infantaria da PM, major Iran Gonçalves, mantém a versão de que "os dois únicos mortos" foram vítimas provavelmente de um disparo acidental, provocado por um soldado que escorregara empunhando seu fuzil não travado.

### Sem saída

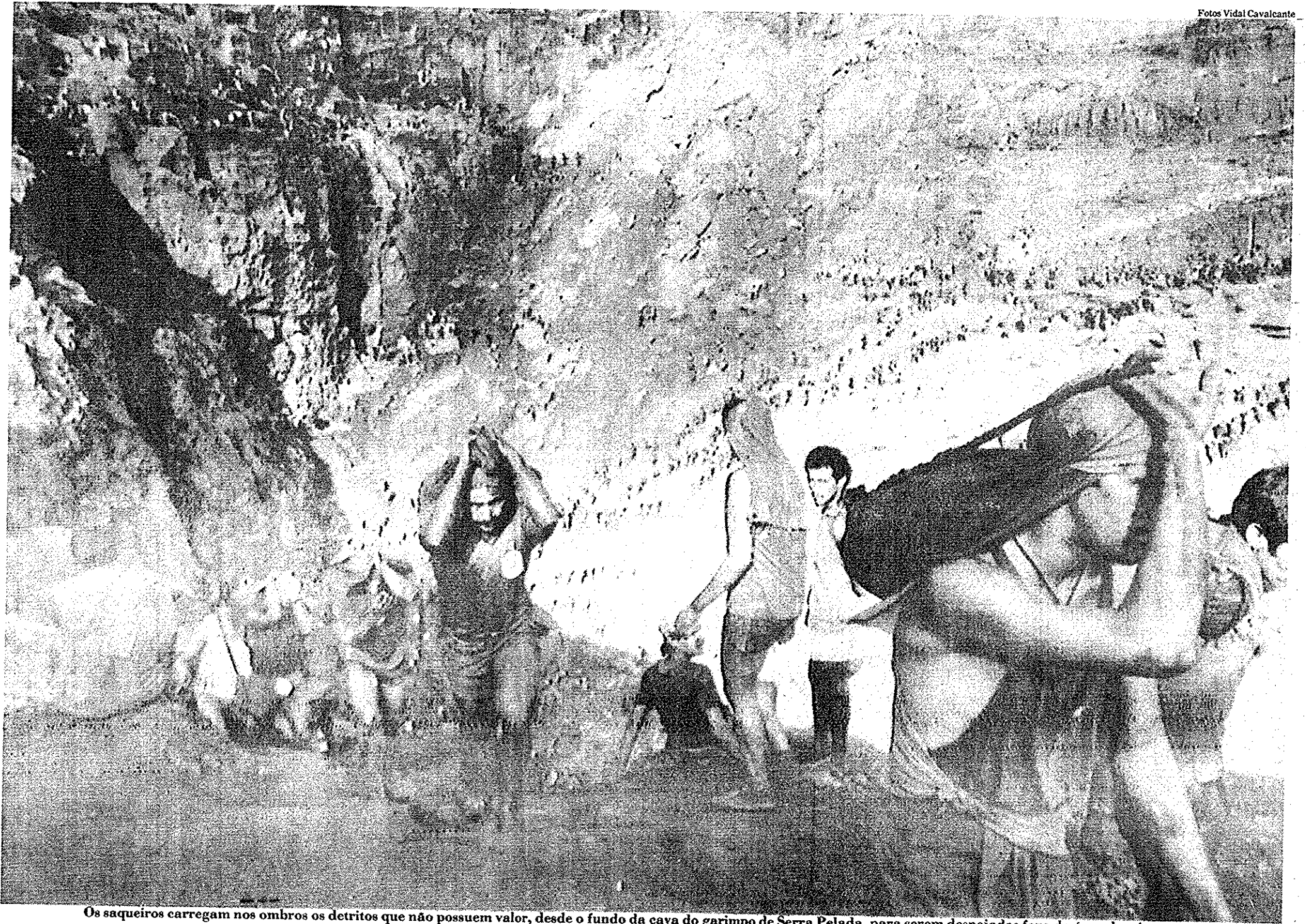
O major Gonçalves também diz que suas tropas não chegaram a bloquear as duas extremidades da ponte de 2.310 metros, caracterizando uma emboscada própria ao combate a um inimigo armado, o que os garimpeiros não eram, de acordo com relatório enviado esta semana o Romeu Tuma pelo delegado Wilson Perpétuo, autor de um inquérito preliminar.

O bloqueio ou não da ponte, deixando os manifestantes sem saída, é um detalhe estratégico importante porque, tendo ocorrido, conforme relata o enviado da Polícia Federal, é a ele que se atribuiria o pânico que levou homens e mulheres a se atirarem, feridas ou não, da altura de 74 metros que separa o parapeto de concreto da ponte da superfície do rio Tocantins.

### Corpos no rio

Em Marabá e em Serra Pelada, a Folha ouviu sobreviventes que são unânimes em apontar dezenas de mortos, em sua maioria ao saltarem de uma altura em que apenas nadadores adestrados sobreviveriam.

De qualquer modo, apesar de informações convergentes sobre o aparecimento de corpos no rio, nenhum deles foi visto pela imprensa ou teve sua existência confirmada por entidades políticas ou ligadas à defesa dos direitos humanos.



Os saqueiros carregam nos ombros os detritos que não possuem valor, desde o fundo da cava do garimpo de Serra Pelada, para serem despejados fora da área de mineração

## Corpos teriam boiado mas a PM silencia pescadores

Itapurunga é uma sonolenta cidadezinha paraense de sete mil habitantes, 45 km abaixo de Marabá pelo rio Tocantins. Passando por ela, as águas do rio perdem velocidade e se abrem em leque para a formação da represa de Tucuruí. Foi junto a um de seus barrancos que apareceram boiando os primeiros cinco cadáveres na noite de sábado passado para domingo.

Um pescador informou, assustado, o posto da PM local. Em menos de uma hora, chegava um destacamento de policiais com uma dupla missão, rapidamente cumprida: recolher os corpos e ameaçar "tocar fogo nas casas se alguém abrir o bico".

Na madrugada seguinte, uma partilha de seis outros cadáveres aparecia boiando. A ameaça não chegou a ser formulada, e os mortos foram novamente recolhidos. Dessa vez, no entanto, um morador telefonou para a Polícia Federal, que em duas horas despachava para a cidade dois de seus agentes. Eles chegaram quando uma terceira partilha, com um número desconhecido de mortos, já havia desaparecido por força da eficiência da PM paraense.

O informante do DPF estava amedrontado. Não quis falar e, com isso, se tornou a única fonte capaz de fornecer às autoridades federais a confirmação dos rumores de que mais de 30 vítimas da manifestação de garimpeiros de Serra Pelada voltavam, em decomposição, à tona do Tocantins.

Como nos contos fantásticos, nada disso se transformou em registro oficial de ocorrência. "Não há mortos, além dos dois que recolhemos em terra, perto da ponte. Se tivesse algum corpo no rio, ele já teria boiado", afirma o subcomandante da PM em Marabá, major Gonçalves.

O mesmo raciocínio se aplicaria aos cinco corpos que boiaram na semana anterior, junto a uma das extremidades da ponte em que o



Policiais mostram os fundos do quartel da PM em Marabá, onde haveria corpos enterrados

massacre ocorreu. Eles foram vistos por dois marisqueiros, imediatamente informados pela PM de que também iriam para o fundo do rio caso cometessem indiscrições. A Folha conferiu o episódio, que circulava como simples rumor, com um dos vizinhos do marisqueiro ameaçado. Um vizinho que, por falta de vocação suicida, não quis se identificar.

No garimpo de Serra Pelada, um garimpeiro veterano, 47 anos, e que igualmente prefere não ter seu nome publicado, integrava no dia 29 de dezembro a comissão encarregada de providenciar mantimentos para o rancho dos que haviam ocupado a ponte do Tocantins. Ele diz que às 7h, vinte minutos antes do massacre, saíra com sua caminhoneta para buscar trinta quilos de carne ofertados por um açougueiro da cidade. Ao voltar, o acesso à ponte já estava bloqueado pela PM, e os tiros já haviam começado. Fez meia volta, entrou numa estrada de terra batida, e alcançou a beira do rio de um ângulo a partir do qual poderia fiscalizar qualquer queda.

"Pularam muitos, mergulhando daquela altura sabendo como iriam cair, ou simplesmente deixando-se cair como um saco de batatas. Não contei direito, mas foram mais de quarenta e menos de 60", diz ele.

### Salto do saqueiro

Luiz Mendonza, 42, cearense e há apenas quatro meses em Serra Pelada como saqueiro (são os que, por R\$ 15 a viagem, transportam cratera acima sacos com detritos que os garimpeiros sabem não conter ouro) foi um dos que pularam. Desajeitadamente. Caiu de peito na água. Ficou de início com os pés e o tórax adormecidos. Dois dias depois gemia ininterruptamente na enfermaria do garimpo: Está com suspeita de alguma hemorragia interna.

Outro saqueiro, o maranhense Pau-

lo Rodrigues, 23, caiu na água na única posição que permitiria uma sobrevivência menos traumática: de pé. Demorou para voltar à tona. Quando o fez, diz ter visto "muitas pessoas girando com a correnteza, sendo levadas pelo rio e se afogando devagarinho". Ele chora um pouco depois de contar sua aventura, e dá graças a Deus vezes seguidas por ainda estar vivo.

São exemplos de vítimas do temor de serem atingidas por uma das balas que a polícia atirava, tanto do lado da ponte que dá para São Félix, pequeno município do sudeste paraense, quanto da extremidade que dá acesso a Marabá.

Nem todos, porém, escapavam para a água por conta própria. Maria de Nazaré Souza Chaves, 27, é uma das quatro moradoras de Serra Pelada que diz ter assistido a morte da "Buchudinha", uma mulher grávida aparentando pouco mais de 18 anos. Ela tomou um tiro pouco abaixo do seio esquerdo. Um soldado que se encontrava ao seu lado imediatamente atirou-a em direção ao Tocantins.

Vítima desconhecida do garimpo, é bem provável que a "Buchudinha" integrasse o contingente de vítimas que não tinha absolutamente nada a ver com o movimento de Serra Pelada. Isso porque naquilo que Fernando Marcolino Guimarães, 40, presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Marabá qualificou de "clima de quermesse" no momento do massacre, os manifestantes estavam em companhia de moradores da Folha Cinco, um bairro humilde das imediações (estava para ser servido churrasco), transeuntes que de São Félix procuravam chegar a Marabá, ou simplesmente passageiros de algum ônibus bloqueado pela ocupação da ponte.

O garimpeiro Florêncio Pereira Neto, 55, calcula que naquele instante havia mais ou menos 400 "intrusões",

para filarem a bóia ou simplesmente por curiosidade.

Sendo correta essa estimativa, é inevitável que a lista dos desaparecidos que o DPF elaborou em Serra Pelada, com seus 93 nomes, não seja exaustiva. Em outras palavras, há outros desaparecidos "intrusões" que não puderam ser recensados pelo sistema que policiais federais montaram no garimpo, através do qual, em cada barraco (em média de cinco a 15 moradores), acusava-se no dia seguinte ao dos incidentes aqueles que partiam para a ocupação da ponte, no dia 26 à noite, e não mais voltaram na madrugada do dia 30.

### Sangue no asfalto

De qualquer modo, a dimensão da carnificina não é minimizada por nenhum dos participantes ou simples testemunhas do episódio. Uma delas, dona Maria Luiza, proprietária de um boteco no bairro da Folha Cinco, trancou-se em casa ao ouvir o tiroteio, abriu suas portas duas vezes para abrigo mulheres de garimpeiros que batiam em fuga e procuravam se esconder, e no dia seguinte foi bem cedo à ponte para examinar a extensão da matança.

"Contei mais de dez manchas de sangue. Algumas delas ainda estavam úmidas. Mas a polícia já tinha levado todos os mortos."

Iniciado às 19h20 e concluído em menos de meia hora, o episódio não foi, entretanto, o único da noite do dia 29. Quando já estavam a dois quilômetros do local, andando num grupo de mais ou menos 50 pessoas, na PA-50, em frente ao depósito da empresa de ônibus Transbrasiliana, uma parcela dispersada de Serra Pelada foi abordada com violência por um grupo de policiais militares.

Alzira Damasceno, mulher de garimpeiro e porta-voz do movimento, diz que, procurando se proteger, ordenou aos que a acompanhavam que levantassem os braços e come-

çassem a cantar o Hino Nacional. Vieram os tiros. Três cadáveres de homens e um de mulher caíram ao chão. Dispersos novamente, os sobreviventes entraram correndo num terreno baldio, onde o tiroteio prosseguiu, com um saldo de mais prováveis mortos (a Folha não encontrou nenhum informante direto).

Para não entrar em atrito aberto com a PM, a Polícia Federal não fornece informações de que certamente dispõe sobre a provável identidade dos garimpeiros baleados, ainda eufemisticamente inscritos na relação dos "desaparecidos". De qualquer modo, em Serra Pelada, onde o delegado Paulo Duarte não tem aceito contatos com os reporteres que o procuram incessantemente, o Sindicato dos Garimpeiros afirma que a delegacia do DPF tem recebido telefonemas de familiares que procuram notícias.

O detalhe é importante por uma razão muito simples. A hipótese otimista é de que, entre os 93 que não voltaram, uma boa parte, temendo a violência desdobrada, tenha preferido voltar para suas casas, geralmente na cidade maranhense de Imperatriz e imediações. Para cada família que telefone para os policiais em Serra Pelada — foram 12, apenas na última quinta-feira —, é inevitável que se espere pelo pior.

Zequinha Rocha, 52, ex-presidente da cooperativa dos garimpeiros, diz que no máximo dez dos manifestantes estariam refugiados com familiares. E justifica: na noite do dia 27, todos deixaram Serra Pelada sem levarem roupas, dinheiro ou documentos que permitissem uma longa viagem por conta própria.

### Sepulturas clandestinas

E ainda: no porto de balsas sobre o extremo norte do rio Araguaia, na divisa do Maranhão com o Pará, por onde transitam os garimpeiros maranhenses de Serra Pelada, a PM paraense reforçou seu dispositivo de vigia que, se tivesse identificado fugitivos "uniformizados" (camisas sujas, calções enlameados, tênis barrento), como estavam os manifestantes mais humildes, ela própria teria o interesse em identificar e quantificar esses desaparecidos supostos. Isso não ocorreu.

É assim que a estimativa absolutamente inexata de 50 a cem mortos leva em conta não apenas o desaparecimento de 92 pessoas, mas também os cadáveres encontrados no Tocantins — onde lanchas requisitadas pela PM visitaram moradores ribeirinhos para instruí-los ao sigilo —, e outros cujo destino é perfeitamente ignorado. Ou, ao menos, objeto de rumores os mais desencontrados, como o que dá conta do transporte deles para sepulturas clandestinas em Carajás, ou então a camuflagem de cadáveres em covas no próprio cemitério. Para que essa última hipótese não seja considerada absurda, havia marcas de coturno no cemitério, 12 horas depois do massacre.

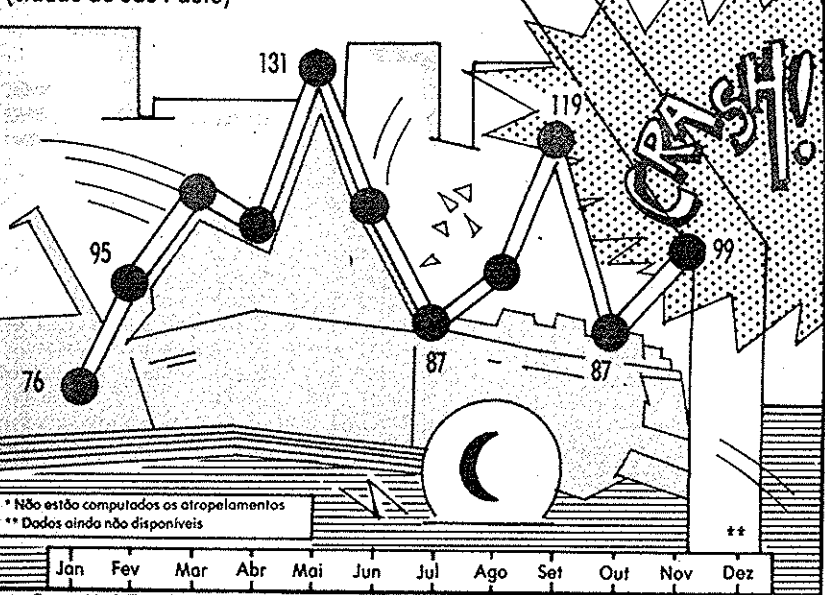
A reportagem sobre Serra Pelada continua na página seguinte

### Indifolha

J. Arthur Fajardo/Editoria de Arte

#### MORTES EM ACIDENTES AUTOMOBILÍSTICOS\*

(cidade de São Paulo)



\* Não estão computados os atropelamentos

\*\* Dados ainda não disponíveis

Fonte: Companhia de Engenharia de Tráfego